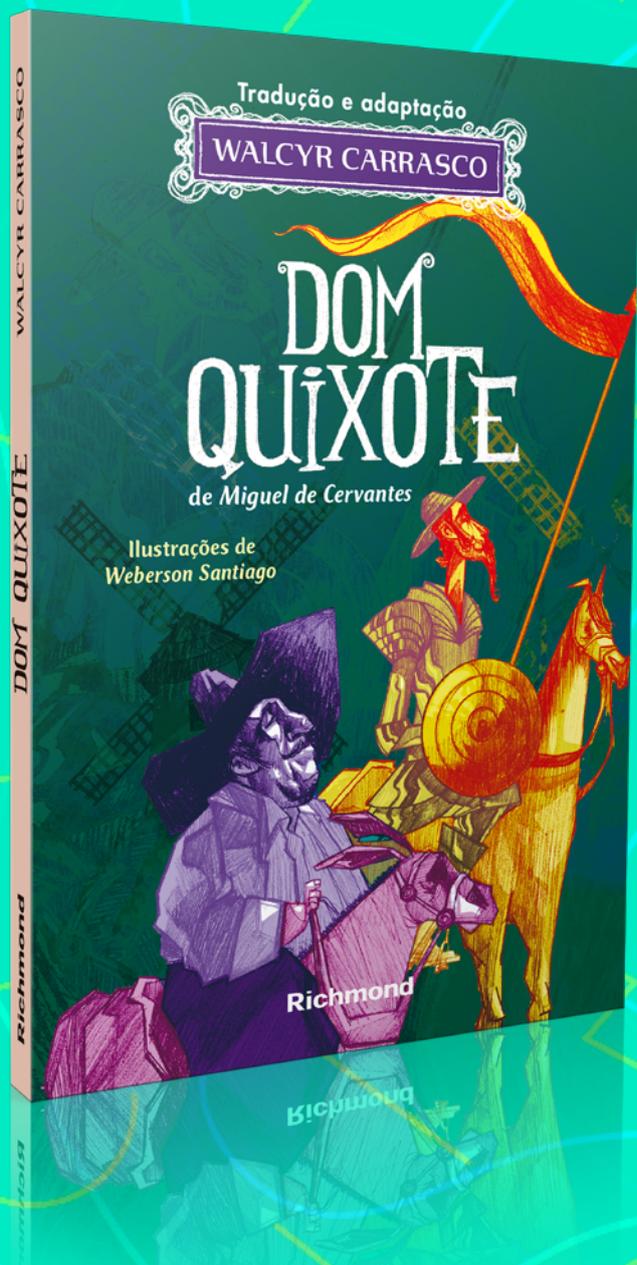


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



DOM QUIXOTE

MIGUEL DE CERVANTES

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
WALCYR CARRASCO

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ

Richmond

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **Dom Quixote** de Miguel de Cervantes, traduzido e adaptado por Walcyrr Carrasco. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traioeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



© REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA, MADRID, ESPANHA

MIGUEL DE CERVANTES, O AUTOR DE DOM QUIXOTE

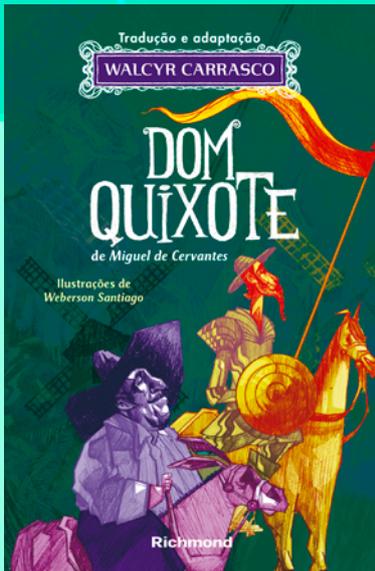
Miguel de Cervantes Saavedra nasceu em 1547, em Madri, Espanha. Foi romancista, novelista, dramaturgo e poeta. *Dom Quixote de la Mancha* é considerada sua obra-prima e uma das melhores novelas já escritas. O autor nasceu em uma família pobre, alistou-se para combater os turcos e foi preso em Argel, em 1575, onde ficou por cinco anos. Novamente encarcerado em 1597, vítima de falsa acusação, começou a escrever *Dom Quixote*, publicado em duas partes: a primeira em 1605 e a segunda em 1615. Suas principais obras são: *Novelas exemplares*, *Viagem ao Parnaso*, *A numancia* e *O trato de Argel*. Faleceu em 1616, pobre e esquecido. Postumamente foi publicado o seu romance: *Os trabalhos de Persiles e Sigismunda*.



© WILL SANDRINI

WALCYR CARRASCO, O TRADUTOR E ADAPTADOR

Walcyr Carrasco nasceu em Bernardino de Campos (SP), em 1951, e foi criado em Marília. Depois de cursar Jornalismo na USP, trabalhou em redações de jornais, escrevendo desde textos para coluna social até reportagens esportivas. É autor das peças de teatro *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom* e *Êxtase*, sendo que esta última conquistou o prêmio Shell de Teatro, um dos mais importantes do país. Muitos de seus livros infantojuvenis já receberam a menção de "Altamente recomendável" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Entre suas obras publicadas, estão: *Irmão negro*, *O garoto da novela*, *A corrente da vida*, *O menino narigudo*, *Estrelas tortas*, *O anjo linguarudo*, *Mordidas que podem ser beijos*, *Em busca de um sonho* e *A palavra não dita*. Também escreveu minisséries e novelas de sucesso, como *Xica da Silva*, *O cravo e a rosa*, *Chocolate com pimenta*, *Alma gêmea*, *Sete pecados*, *Caras & bocas* e *Morde & assopra*. Dedica-se ainda a traduções e adaptações. Além dos livros, Walcyr Carrasco é apaixonado por bichos, por culinária e por artes plásticas. É membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Biologia, Filosofia, Sociologia, Arte.

Competências Gerais da BNCC:

1. Conhecimento;
2. Pensamento científico, crítico e criativo;
3. Repertório cultural;
7. Argumentação;
9. Empatia e cooperação.

Temas: Projetos de vida; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

SOBRE A OBRA

No decorrer de toda a história do fidalgo que em sua loucura imagina-se cavaleiro andante, o leitor se depara com eventos que permitem sempre uma dupla interpretação: moinhos de vento tornam-se gigantes, estalagens viram castelos, rebanhos de ovelhas e de carneiros confundem-se com exércitos em combate. A imaginação de Dom Quixote transfigura os eventos mais grotescos, comezinhos e banais, conferindo-lhes uma dignidade e nobreza singulares. Dulcinea, sua musa, a quem dedica toda a devoção, na verdade não passa de uma camponesa um tanto bruta, Aldonça Lourenço. A solidão do personagem faz dele uma figura tragicômica: mais de uma vez é ludibriado por aqueles que o rodeiam. Ele e Sancho Pança levam uma quantidade inacreditável de surras e criam uma série de desordens, acreditando fazer justiça.

Porém, em meio a tantas situações desencontradas, Dom Quixote torna-se célebre: em sua segunda viagem, as pessoas que encontra pelo caminho já o conhecem, já estão familiarizadas com os seus delírios. Organizam, então, grandes encenações que ao mesmo tempo ludibriam o personagem e permitem que se sinta realizado – até mesmo Sancho consegue, provisoriamente, sua ilha para governar, embora logo desista, preferindo a vida pacata de antigamente.

Walcyr Carrasco apresenta aos jovens leitores uma das narrativas mais célebres da história da literatura, considerada por Walter Benjamin como o primeiro exemplo de um romance perfeito: *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes – ainda que essa obra seja considerada uma novela (a esse respeito, veja a seção “Aprofundamento”, mais adiante). Assim, nos deparamos com a história desse fidalgo, ávido leitor de histórias de cavalaria, que já numa idade avançada, tendo perdido completamente o juízo, parte montado em seu raquítico cavalo, o frágil Rocinante, em busca de legendárias aventuras, tomando como escudeiro seu pragmático vizinho, o lavrador Sancho Pança, a quem promete fazer governador de província.

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

◀ PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipologia e tamanho).
2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler a obra

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, traduzida e adaptada por Walcyr Carrasco. Pergunte se já leram algum livro de Cervantes, se conhecem o autor, o adaptador da obra, e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro. Indague se já ouviram a expressão “quixotesco” ou a frase “perseguir moinhos de vento” e se sabem o que significam.

© Weberson Santiago



3. Trabalhe com os alunos o título da obra. Escreva-o na lousa e peça as primeiras impressões dos alunos a respeito. O que ele sugere sobre o enredo? Levante os atributos geralmente associados à palavra *Dom*. A que fatos essa palavra remete? Comente que *Dom Quixote* é um título bastante enigmático e aproveite para estimular os alunos a imaginar a qual gênero pertence a obra e em que ambientes os eventos narrados transcorrem.

A seguir, pergunte: o título faz lembrar alguma outra história ou personagem? Como será que é essa história? Alguém se arrisca a descrever como imagina o tal Dom Quixote que nomeia a história? A ilustração da capa fornece alguma pista?

4. Analise com os estudantes a capa do livro. Convide-os a observar a ilustração de Weberson Santiago. Como se articula com o título? O que a imagem das duas pessoas e dos animais em que estão montadas sugere sobre a narrativa que eles irão ler? Como elas se vestem? Que

instrumentos seguram nas mãos? Com base nesse primeiro contato com a obra, organize com os alunos uma lista dos elementos e das sensações que foram suscitados pelas imagens.

5. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes dos capítulos, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum nome lhes chamou a atenção.
6. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem a quem o autor dedica a história e que relação têm com o enredo. Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?
7. Explique aos alunos que o texto que aparece no lado de trás do livro é chamado de texto de quarta capa. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do desenrolar da narrativa.

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

◀ LEITURA

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquisem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem. O objetivo é que, após a leitura, eles possam confrontar a lista de cada colega e, se quiserem, elaborar um glossário do assunto do livro para a turma.
2. Peça aos alunos que releiam a descrição do personagem Dom Quixote logo no início da história, nas páginas 23 até o início da 25. Indague se é possível imaginar o que vem pela frente na história com um protagonista assim descrito logo nas primeiras linhas. Chame a atenção para algumas características insólitas dele; por exemplo, a de que consome determinados alimentos em dias específicos da semana ou a de que chegou a vender parte de sua propriedade e de suas colheitas para comprar livros de cavalaria e que às vezes nem dormia para lê-los. Pergunte: o que esperar de uma figura com esse perfil?
3. Questione os alunos sobre o pequeno texto em itálico, no início dos capítulos, que antecipa o que acontecerá em seguida, um expediente muito usado em livros da época. O que eles acham? Ajudam na leitura? Tiram a surpresa do que vão ler? Aguçam a curiosidade? Acabam sendo uma espécie de *spoiler*?
4. Chame a atenção dos estudantes para o fato de que o texto é narrado em terceira pessoa e o narrador conta a história conhecendo o que se passa na mente de todos os personagens. Explique que é isto o que possibilita ao narrador criar as situações fictícias de modo a conduzir a trama de acordo com os seus propósitos. Deixe claro, no entanto, que essas regras variam e costumam ser quebradas pelos escritores, nem sempre sendo seguidas rigorosamente.
5. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas pela leitura. Acompanhe a leitura dos estudantes fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando da história, se a obra lhes agrada, se a leitura é fácil ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a intuir como o autor, por meio do narrador, constrói dinâmicas intertextuais. Elas fazem referência a aspectos socioculturais, históricos, linguísticos, sociológicos, filosóficos e econômicos sobre a época em que se passa a história.
6. Chame atenção para o contraste entre os fatos, em sua maioria corriqueiros, presenciados pelos personagens e a leitura nobre e grandiloquente que o protagonista faz deles.

7. Diga a seus alunos que atentem para as notas laterais, que ajudam a situar os leitores nas questões que merecem uma explicação fora do enredo. Explique que elas fornecem informações esclarecedoras a respeito do contexto dos acontecimentos.

8. Recomende aos estudantes que atentem para os títulos dos capítulos e para a relação que estabelecem com o texto a que se referem.

9. Chame a atenção dos alunos para o comportamento de Sancho Pança. Pergunte o que acham do escudeiro de Dom Quixote. Verifique se eles perceberam o humor performático e melancólico do personagem, que parece rir de si mesmo e ter consciência de antemão de que suas falas divertem o leitor e garantem o bom humor da obra, quase como se ele fizesse parte de uma série cômica contemporânea. Pondere que, ainda assim, suas tiradas contêm o senso de realidade que falta a Dom Quixote.

10. Observe se seus alunos notam como a trajetória do personagem Dom Quixote aparece como um contraponto à de Sancho Pança, como bem notou o padre neste comentário:

“– Não sei se fico mais espantado com a loucura do fidalgo que pensa ser cavaleiro andante ou com a simplicidade do escudeiro, certo de que vai ganhar uma ilha! – concluiu o padre.

– A verdade é que um não valeria sem o outro!” (p. 148-149)

Leve os alunos a perceber como o olhar do protagonista para seu escudeiro oscila entre a impaciência e a compaixão. Pergunte aos estudantes se eles concordam com o padre e o que acham do comportamento de Dom Quixote.

11. Comente que o texto traduzido e adaptado de Walcyr Carrasco reúne de maneira sintética os eventos dos dois volumes da versão original de *Dom Quixote*. Estimule seus alunos a procurar o momento em que a primeira parte termina e dá lugar à segunda. Veja se notam como na segunda parte há um jogo de intertextualidade: os personagens com quem o protagonista cruza já estão a par de seu delírio e de suas aventuras, passando a jogar com isso, criando encenações para divertirem-se à sua custa.

12. Solicite que observem como a posição social dos personagens determina fortemente suas palavras e seu comportamento.

13. Leve os alunos a perceber que a narrativa é construída com algumas cenas recorrentes: Dom Quixote e Sancho Pança sempre acabam encontrando alguém (ou são encontrados por algumas pessoas) por onde andam, e esse contato acaba terminando em algum tipo de confusão, quase sempre por causa da visão delirante de Dom Quixote.

AS **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

◀ PÓS-LEITURA

1. Em uma roda de conversa, procure colher a impressão dos alunos sobre o livro que acabaram de ler. Indague: Sentiram-se desafiados pela trama? Conseguiram acompanhar seu desenvolvimento? Como foi a experiência da leitura? Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: Quem pode dizer, em poucas palavras, o que acontece na história? Alguém se identificou com Dom Quixote? E com Sancho Pança? Qual é o tema principal do livro? Quais são os temas secundários? Aprofunde a sondagem, instigando-os a justificar por que se identificaram com determinado personagem, levando-os a analisar aspectos humanos diversos, como os éticos, os sociais, os psicológicos, os físicos, entre outros. Por fim, pergunte sobre quais são as conclusões que podemos tirar da história.
2. Essa é uma boa oportunidade para que seus alunos reflitam um pouco sobre o que significa adaptar um texto. Proponha que selecionem individualmente uma passagem da narrativa que lhes tenha parecido significativa e procurem no texto original de Miguel de Cervantes (na biblioteca da escola ou da cidade em que moram) o trecho correspondente, lendo-o e atentando para as diferenças entre o original e a reescritura. Que partes foram omitidas, que outras foram mantidas por Walcyr Carrasco?
3. Abra uma roda de conversa e pergunte aos estudantes qual foi a cena de que mais gostaram na história ou aquela que mais os emocionou ou divertiu. Peça que justifiquem a escolha. Convide-os a refletirem sobre a validade da arte (um livro, um filme, uma canção, uma obra de arte, uma escultura, um balé, um grafite etc.) como forma de conscientizar as pessoas sobre questões sociais importantes ou para humanizá-las.
4. Questione os alunos sobre até que ponto vale a pena sair da realidade nos dias de hoje, como faz Dom Quixote na história, ou até que ponto vale a pena ter os pés no chão, como Sancho Pança e sua mulher Teresa.
5. Peça aos alunos que voltem a este trecho da página 48:

“Enquanto nosso herói dormia, foram à biblioteca da casa. Acharam mais de cem grossos volumes bem encadernados, e ainda outros pequenos. Todos sobre cavalaria. A governanta exclamou:

– Algum bruxo que mora dentro desses livros enfeitiçou o pobre homem.”

Abra uma roda de conversa com os alunos e pergunte: Vocês acreditam que ainda hoje alguém tenha essa opinião sobre os livros? Por quê? Que tipo de “feitiço” vocês acham que um livro

pode ter? A palavra **enfeitiçou**, na fala da governanta, é positiva ou negativa? Vocês já se sentiram enfeitiçados pela leitura de um livro? Foi uma experiência boa ou ruim?

6. Atente para estas afirmações da escritora Ana Maria Machado, em um texto que fala das potencialidades da leitura de ficção:

As narrativas de ficção possibilitam que as crianças tenham contato com outras realidades além da sua e vivenciem coisas muito diferentes daquelas que seu cotidiano lhes oferece. Isso permite que projetem seus temores e seus desejos, adquiram experiências emocionais que as ajudem a crescer. Permite também que saiam de si mesmas, indo além dos limites emocionais de cada um. Propicia oportunidades para que se identifiquem com os outros, sintam solidariedade e compaixão, admiração e carinho por pessoas que nem conhecem (e que muitas vezes são apenas imaginárias, puros personagens), mas nem por isso as emoções que trazem são menos intensas. Ou que enfrentem medos, vergonhas e sentimentos difíceis, sem precisar passar por elas de verdade.

MACHADO, Ana Maria, Uma ponte entre grandes e pequenos. In: *Uma rede de casas encantadas*, p. 14-15, São Paulo:Moderna, 2012.

Com base no trecho, crie estratégias para sondar se as potencialidades mencionadas por Ana Maria Machado, ou ao menos parte delas, foram alcançadas pelos alunos após a leitura da adaptação de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, feita por Walcyr Carrasco.

7. Explique aos alunos que o texto do autor ou de algum comentarista externo, no final do livro, costuma ser chamado de posfácio. Pergunte a eles o que o depoimento do adaptador da obra *Dom Quixote*, Walcyr Carrasco, agregou à leitura feita.
8. A vida de cavaleiro andante parecia dar sentido à existência de Dom Quixote. Sem poder exercê-la, ele perde a vontade de viver. Peça aos alunos que digam se existe alguma atividade que os completa, assim como a atividade de cavaleiro andante dava sentido à existência de Dom Quixote. Questione ainda se eles têm um objetivo ou sonho que queiram realizar na vida.
9. Pergunte aos alunos: as confissões de Dom Quixote, momentos antes de sua morte, modificam a imagem que ele passou durante toda a narrativa? Por quê?

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os liberta dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

◀ PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA Selecione para ler com a turma alguns dos textos do volume *Contos e lendas dos cavaleiros da Távola Redonda*, organizados por Jacqueline Mirande e publicado pela Companhia das Letras. Nada melhor para adentrar o universo quixotesco do que ler algumas histórias dos cavaleiros em que ele se espelha.

AS ATIVIDADES DE LEITURA IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

◀ LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Explique aos alunos que, além dos elementos que antecipam o que vai acontecer no capítulo, um dos recursos usados pelos escritores para criar suspense em suas histórias é interromper a narrativa em um momento de grande tensão, deixando uma cena suspensa, aguçando assim a curiosidade do leitor para saber o que aconteceu na sequência. Comente que Walcyr Carrasco, adaptador da obra, faz isso de forma explícita ao finalizar um capítulo, como nesta passagem do capítulo 13:

"[...] Mas alertaram:
 – Fiquem de olho! – avisou o padre.
 – Mais cedo ou mais tarde tentará fugir novamente! – concluiu o barbeiro.
 E foi o que aconteceu." (p. 146)

Indague os alunos se o recurso funcionou com eles, ou seja, se ficaram curiosos para saber o que tinha acontecido e o que imaginaram enquanto não souberam.

2. **FILOSOFIA** Com base na paixão idealizada de Dom Quixote por Dulcineia, solicite aos alunos que busquem saber o que significa e de onde surgiu a expressão "amor platônico", aquele amor cultivado em segredo, mais espiritual do que físico, que faz parte da vida de muitos adolescentes (e de muitos adultos também). Peça ainda que respondam se já sentiram amor platônico por alguém, descrevendo essa sensação em seguida. Questione-os: é algo bom ou ruim? Peça que expliquem suas respostas.



AS ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

◀ PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Na página 149 do livro, há um trecho que pode ser chamado de metalinguístico – quando a obra fala da própria linguagem –, pois o narrador sugere que, segundo o personagem Sansão Carrasco, um escritor já publicou um livro chamado justamente *Dom Quixote de La Mancha*, que conta as aventuras do cavaleiro andante Dom Quixote.

Na página 162, o narrador sugere que a obra *Dom Quixote de La Mancha* já é famosa na época:

– Quem é o senhor? – perguntou.

– Sou cavaleiro andante. Já venci muitos cavaleiros da Espanha. Mas a façanha de que mais me orgulho é de ter derrotado o famosíssimo Dom Quixote de La Mancha.”

Peça aos alunos que atentem para a reação de Sancho Pança, que se indaga como um escritor pode saber tudo o que aconteceu (uma indagação eminentemente literária), e para a reação de Dom Quixote, que, em sua visão dominada pela superstição, atribui a escrita de uma obra com suas aventuras e a onisciência do narrador à feitiçaria. De todo modo, a própria narrativa menciona a publicação de uma história sobre Dom Quixote, sem deixar claro se se trata da narrativa original de Miguel de Cervantes. Comente com os alunos que esse recurso metalinguístico empregado pelo narrador já é

considerado bastante moderno, o que faz de *Dom Quixote* uma obra precursora do modo de narrar moderno, tal como o conhecemos hoje em dia.

Conclua dizendo que, apesar de *Dom Quixote de la Mancha* trazer inovações literárias de composição e estrutura para a época, não há um consenso entre os estudiosos sobre se tratar de um romance ou de uma novela. Informe os alunos que, para efeitos didáticos, neste encarte estamos tratando a obra como *novela*.

2. **HISTÓRIA** A escravidão de um ser humano por outro é uma prática inaceitável no mundo contemporâneo, ainda que em alguns lugares do globo essa prática persista de alguma forma. Comente com os alunos que, além das lutas físicas pela liberdade nos vários lugares onde vigorou o sistema escravagista, houve também um grande movimento intelectual, de ideias, dos quais participaram escritores, artistas, filósofos, sociólogos, antropólogos, cientistas, advogados, políticos e mesmo gente do povo, em favor da liberdade dos escravos. Informe que a combinação desses esforços culminou no que, *grosso modo*, é chamado de “moral moderna”, pela qual, entre outros parâmetros éticos de nosso tempo, nenhum ser humano pode fazer de outro ser humano meio para os seus fins.

Em vista disso, questione os alunos sobre a impressão deles a respeito da

relação de servidão de Sancho Pança para com seu amo Dom Quixote, não esquecendo de que se tratava de um espírito de época, ou seja, de um procedimento aceito como válido naquele período. No entanto, mesmo sendo uma relação hierarquizada, indague se, durante a leitura, eles perceberam outro sentimento entre Dom Quixote e Sancho Pança que não o de servidão. Que sentimento era esse? Esse sentimento era explícito? Em que momentos se manifestou?

3. **HISTÓRIA** Em muitos momentos da novela, fica explícita a mistura entre política e religião, como neste trecho:

“Na estalagem hospedava-se um homem que pertencia à Ordem da Santa Irmandade, que na época zelava pela lei e pela justiça. Também acordou com o barulho. Correu para acudir. Entrou no sótão, ordenando:

– Parem! Parem em nome da lei!”
(p. 74)

Comente com os alunos que, no século XVII, período em que se ambienta a história, ainda havia muitos resquícios do período medieval no dia a dia da população, pois essa época ainda era dominada pela visão religiosa, embora a revolução científica em curso já começasse a se fazer presente no cotidiano das cidades. Peça aos estudantes que, em grupos, façam uma pesquisa sobre o lento declínio da influência mística e religiosa no início da Modernidade, sobretudo nos países da Europa, e sobre a também lenta ascensão da visão laica naqueles países.

4. **HISTÓRIA** Em várias passagens da novela, percebem-se indícios do nascente capitalismo se inserindo na vida cotidiana, com a valorização do trabalho e do dinheiro como moeda de troca por serviços prestados, por exemplo. Também fica evidente a visão medieval e aristocrática de Dom Quixote, que parece ainda não se dar conta de que um serviço prestado traz um valor embutido. Em sua visão delirante, o cavaleiro andante parece imaginar que as coisas surgem do nada, que não houve trabalho para que existissem. Muitos trechos evidenciam ainda como o trabalho começa a ser visto como um produto a ser vendido, como uma mercadoria, visão que se consolidaria nas teses de Marx, no século XIX.

Questione os estudantes sobre quais aspectos consideraram mais importantes ou curiosos na percepção dessa mudança de mentalidade na vida prática das pessoas no período em que se passa a história. Indague também sobre a validade de uma obra literária (ou de uma obra de arte, em geral) como registro das marcas de um tempo e das tendências de mudanças que nele operam, às vezes de modo imperceptível ao olhar viciado do dia a dia.

5. **BIOLOGIA** Na época em que se passa a história de Dom Quixote, e em que viveu Miguel de Cervantes, a ciência passava por uma revolução na Europa – a chamada Revolução Científica –, que tinha por base o método indutivo e experimental. No entanto, nessa novela, em vários momentos é mostrada a

influência que a sabedoria popular ainda tinha nas cidades e vilarejos da Europa, como revela a passagem:

“Um dos homens, percebendo que Dom Quixote estava com a orelha machucada, foi buscar um ramo de alecrim. Mastigou bem mastigado, misturou com sal e colocou sobre o ferimento. Garantiu que não seria necessário mais nenhum curativo. E de fato, foi o que aconteceu!” (p. 64)

Questione os alunos sobre se, na atualidade, com a ciência moderna há muito tempo estabelecida no mundo, essa situação ainda perdura. Peça que tentem explicar por que isso acontece.

6. **FILOSOFIA** Solicite aos alunos que releiam esses dois trechos de *Dom Quixote*:

“– É melhor não procurar ninguém! Se encontrarmos o dono, terei que devolver o dinheiro! – lamentou-se Sancho.

– É nossa obrigação! – afirmou Dom Quixote.” (p. 104)

“– Senhor, por que não se casa com essa bela princesa?

– Não posso. Meu coração pertence à nobre Dulcineia del Toboso!

– Mas, senhor, se não se casar com uma princesa, nunca será imperador. Nem poderá me dar um reino!

– O que prometi, prometido está. Não se preocupe. Terá sua recompensa!” (p. 123)

Questione: o que há em comum nas duas passagens? Depois de ouvir as

respostas, leve-os a perceber que, entre virtudes e vícios no comportamento de Dom Quixote, uma virtude não se pode negar: ele era fiel a seus princípios. E mais: os dois trechos revelam um princípio ético de comprometimento com a honestidade e com a palavra empenhada.

Com base nessa constatação, peça aos alunos que, em duplas, pesquisem o conceito de *imperativo categórico*, do filósofo alemão Immanuel Kant, que funda a moral moderna no século XVIII, e identifiquem em que pontos o comportamento de Dom Quixote, um século antes, já prenunciava o que o conceito de Kant preconizava.

7. **ARTE** Mostre reproduções da série de gravuras que o pintor brasileiro Cândido Portinari criou a partir de *Dom Quixote*. Instigue-os a tentar reconhecer as passagens da narrativa que aparecem retratadas nas imagens.

8. **ARTE** A questão da metalinguagem, explorada na atividade 1 da Pós-leitura, pode ser enriquecida com a indicação de dois filmes do cineasta norte-americano Woody Allen – *Desconstruindo Harry* e *A rosa púrpura do Cairo* – ou do livro *Se um viajante numa noite de inverno*, do escritor italiano Italo Calvino. Tanto nos filmes como no livro, o diretor de cinema e o escritor rompem com a forma tradicional de contar uma história, adotando uma postura que pode ser compreendida como metalinguística.

9. **ARTE** Para ampliar o conhecimento sobre a obra *Dom Quixote de la Mancha*, você pode promover uma sessão de vídeo em sala de aula com a turma, uma vez que as durações dos vídeos aqui indicados são bem propícias a isso e ainda possibilita tempo para uma discussão entre os alunos após cada sessão. Outra opção é pedir aos estudantes que assistam aos vídeos em grupos, na casa de algum deles, e depois preparem um relatório para posterior discussão em sala de aula. É importante que eles vejam os dois vídeos (não necessariamente na sequência), em virtude do caráter complementar entre eles, um trazendo a ótica de uma professora da área de História, outra, da área de Letras. Comente que muitas das afirmações das professoras dialogam com as atividades deste encarte.

Dom Quixote e a crise dos sonhos.

Palestra da professora e historiadora Janice Theodoro, da Universidade de São Paulo (USP). Café Filosófico, 30 de agosto de 2016. Duração: 45min54s. Disponível em: <http://mod.lk/domquix>.

Dom Quixote de la Mancha. Entrevista da professora Maria Augusta da Costa

Vieira, do Departamento de Letras Modernas, da Universidade de São Paulo (USP), especialista em *Dom Quixote*. TV Univesp, s.d. Duração: 31min33s. Disponível em: <http://mod.lk/delamanc>.

10. **ARTE** Ouça com seus alunos a canção *Dom Quixote*, do grupo Os mutantes. Chame a atenção para o modo como a letra entrecruza as figuras da narrativa com elementos do mundo contemporâneo. Disponível em: <http://mod.lk/mutantes>.
11. **ARTE** Ouça com seus alunos a peça *Don Quixote*, de Richard Strauss, inspirada no livro de Cervantes. De que maneira uma adaptação musical se distingue de uma cinematográfica ou literária? Chame a atenção deles para o modo como os solos de violoncelo representam *Dom Quixote*, enquanto a viola e a tuba dão o tom mais cômico de *Sancho Pança*. Veja se percebem como o compositor transpõe para a música o balido das ovelhas, a fim de musicar o instante em que *Quixote* confunde rebanhos desses animais com exércitos em luta.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

NOVELA

Há quem defina a novela, de forma simplista (sem que esse simplismo se distancie necessariamente da verdade), como uma narrativa menor do que o romance em número de páginas (e, por extensão, maior do que um conto). Como base para comparação, o romance é uma narrativa em prosa, geralmente longa com vários personagens que vivem diferentes conflitos e cujos desfechos se cruzam. Ele coloca em cena problemas de relações humanas, mas não necessariamente amorosas, como pode sugerir o sentido mais usual da palavra romance. Além disso, ele pode apresentar diferentes temas e contextos, por isso é possível falar de romance histórico, romance policial, romance de aventuras etc. De fato, se tomarmos novelas como *A metamorfose*, de Franz Kafka, ou *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, a primeira impressão que teremos dessas obras, antes mesmo de começarmos a lê-las, é que se trata de narrativas de pequeno fôlego, com base na pequena “grossura” dos volumes, perceptível pelo contato tátil.

No entanto, se verificarmos obras como *O alienista*, de Machado de Assis, ou *Bartleby, o escrivão* (ou *o escriturário*, depende da tradução), de Herman Melville, que modernamente são classificadas como novelas, mas que, originalmente, são definidas como contos, teremos noção das controvérsias que envolvem as fronteiras do que é uma novela literária em relação ao romance e mesmo ao conto. Sem contar que, para confundir um pouco mais as coisas, hoje em dia, quando se fala em novela, a primeira noção para a qual o senso comum nos leva é a das conhecidas novelas de televisão.

Levando em conta essas discussões, para as quais em geral o leitor comum passa ao largo – ele quer apenas ler uma boa história, seja romance, novela ou conto –, a novela pode ser definida, *grosso modo*, como uma narrativa articulada em torno de um pequeno número de personagens e de conflitos – na maior parte das vezes um conflito move toda a história. A limitação dos conflitos e dos personagens, no entanto, não são necessariamente proporcionais à densidade da carga narrativa, que, a despeito da necessidade de um desfecho relativamente rápido, pode ser mais intensa do que um alentado romance.

Outra definição possível é a de que a novela é composta de capítulos ou unidades não autônomas, mas que estão interligados: cada um traz em si certas motivações que serão depois desenvolvidas nos capítulos seguintes e assim por diante, numa sucessão que manterá a atenção e a curiosidade do leitor e levará ao epílogo. Um exemplo típico de novela que apresenta essa estrutura é justamente *Dom Quixote de la Mancha*.

Também aqui, no entanto, temos polêmicas. Há um certo consenso entre os estudiosos de que a obra de Cervantes inaugura o romance moderno na história da literatura. Isso significa que este livro rompeu certos paradigmas que vinham das novelas de cavalaria, a forma preferida dos leitores daquela época até então – haja vista a fanática admiração do personagem Dom Quixote pela figura do cavaleiro andante, um personagem típico desse tipo de história. Mas como Dom Quixote pode “inaugurar” o romance moderno sendo uma novela? Eis a polêmica.

Quando se diz que a obra de Miguel de Cervantes “inaugura” o romance moderno, ainda que seja “oficialmente” uma novela, se quer dizer que ela traz elementos novos à *forma de narrar* – não necessariamente ao *romance*. Essa forma de narrar criou um “modelo” de contar histórias que será incorporada, nos séculos seguintes, à forma de se contar uma história literária – seja um romance, uma novela ou um conto. Essa forma de se contar uma história conhecerá o seu apogeu no século XIX, com o francês Gustave Flaubert – que escreveu romances, novelas e contos – e os romances e novelas de folhetim.

Para concluir, é preciso dizer que a discussão sobre o que é romance, novela e conto envolve também a forma como uma obra é construída e apresentada ao público. A definição de que a novela é composta de unidades não autônomas interligadas pode ser problemática se não levarmos em conta a forma como houve isso que estamos chamando de “interligação”. O conhecido romance *Vidas secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, publicado na primeira metade do século XX, nasceu como unidades autônomas e só depois foi organizado em um volume único, ao qual o autor conferiu certa organicidade narrativa. É só um exemplo, entre muitos. Portanto, tão importante quanto a leitura da obra em si mesma é a curiosidade, prévia ou posterior à experiência do contato com a história, do aluno para que tenha uma compreensão que extrapole o mero enredo, e do professor para que possa explorar as potencialidades da obra como produto do engenho criativo humano, influenciado por sua época mas que vai muito além dela.

ADAPTAÇÃO

A adaptação (também chamada de *reconto*, termo mais usado na prática oral) é um texto que reconstitui, de modo mais breve, os momentos mais significativos de outro texto (uma narrativa, uma peça teatral etc.), de modo a passar ao leitor uma visão parcial, mas fidedigna do texto original. A elaboração da adaptação sempre tem em vista um certo tipo de leitor; por isso, o autor tem a liberdade de reescrever o texto original usando um vocabulário mais simples e acessível ao leitor a que se destina a adaptação. Pode, inclusive, transformar um texto em verso num texto em prosa, sempre pensando na adequação da linguagem à competência do leitor.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]"

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]"

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irreduzível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Provoque os estudantes perguntando a eles se um escritor de ficção é um “mentiroso”. A pergunta poderá parecer estranha e até zombeteira. Depois de ouvir a opinião deles, comece a desconstruir a imagem do senso comum que eles têm de um autor de ficção. Pergunte, problematizando o assunto: O que os escritores de ficção escrevem é de verdade ou de mentira? Por que acreditamos nas histórias que escrevem, sabendo que são de mentira? Por que precisamos sair da realidade e entrar no mundo da fantasia? Em meio a essas reflexões, peça que mencionem uma história de ficção de que gostaram – pode ser um livro, um filme, uma peça de teatro, uma HQ. Indague sobre que sentimento a história provocou neles. Em seguida, questione se o que sentiram era de verdade ou de mentira. A ideia é conduzi-los à percepção de que, quanto mais um autor tiver o poder de nos fazer acreditar em uma verdade que sabemos ser de mentira, ou seja, quanto mais nos fizer esquecer a realidade e mergulhar na história de ficção que está sendo contada, a ponto de nos emocionar ou de nos divertir, maior será o seu talento como ficcionista – ou como “mentiroso”. Por fim, pergunte se Miguel de Cervantes, por meio do adaptador de *Dom Quixote*, Walcyr Carrasco, conseguiu fazê-los acreditar na história que foi contada e por quê.

2. **FILOSOFIA** Ao esperar avidamente pela governança de uma ilha ou por um cargo de governador, Sancho Pança demonstra ambição por poder. A questão do poder era também um assunto muito premente no período em que se passa a novela, ainda que o povo se mantivesse, de certo modo, à margem dessas preocupações. Uma das teses que circulavam nos meios intelectuais era a da servidão voluntária das populações aos tiranos – lembremos que era o período das monarquias absolutistas. Pela teoria da servidão voluntária, do jovem filósofo francês Étienne de La Boétie, no livro *Discurso sobre a servidão voluntária*, pergunta-se por que o povo, em maior número do que o tirano, obedece às suas ordens, em vez de reunir-se e aniquilá-lo. A resposta é dada pelo próprio La Boétie: porque o povo é formado de tiranetes que querem subjugar os seus iguais, e o tirano nada mais representa do que essa lógica humana, ávida pela dominação do outro.

Outra teoria que surgiu nesse período foi a de um jovem chanceler florentino chamado Nicolau Maquiavel, que escreveu uma obra chamada *O Príncipe*, na qual dava conselhos a um governante sobre como fazer para conquistar o poder e se manter nele. A novidade era que Maquiavel tratava a questão do poder com um realismo jamais visto antes, sem levar em conta preceitos cristãos ou sentimentos como a virtude. Dessa forma, criou a teoria política moderna, que vale até os dias de hoje.

Leve os alunos a perceber que essas duas teorias – a da servidão voluntária e a do realismo político – perpassam o romance de Cervantes em vários momentos. Veja-se, por exemplo, a fala de Dom Quixote a seu escudeiro:

“– Sancho, não pretende governar uma ilha? Precisarás se defender dos inimigos, que vão querer derrubá-lo do poder!” (p.67)

Ou esta outra, em que o fidalgo, ao modo de Maquiavel, aconselha Sancho:

“– [...] Preste atenção! Não fique inchado como uma rã! Diga a todos que é filho de lavrador, tenha orgulho de sua origem humilde! Seja justo com os ricos e tenha compaixão dos pobres.” (p. 189)

E, por fim, ainda que de maneira farsesca, Sancho Pança é alçado à governança de uma ilha. Mas se frustra, conforme revela essa fala amarga:

“Vamos embora, companheiro! Do que adianta a ambição? Não nasci para governar. Entendo mais de lavar a terra.” (p. 194)

Levando em conta as duas teses comentadas, indague os estudantes por que eles acham que Sancho se frustrou com o poder? O que ele imaginava?

3. **SOCIOLOGIA** O personagem Sancho Pança se mostra bastante submisso a Dom Quixote, mas age como um tirano com a mulher, revelando um comportamento que hoje seria chamado de machista, como se pode notar por este diálogo:

“[...] Agora conte. Ganhou muito como escudeiro? Trouxe-me um vestido? Sapatos para seus filhos?”

– Não trago nada disso, mulher! Agora sossega. Em breve, quando partirmos novamente, vou me tornar conde. Ou governador de uma ilha.” (p. 145)

Outras cenas da história mostram que a escravidão – no caso da Idade Média, a servidão ou a vassalagem – e o machismo eram considerados comportamentos normais, naturalizados no dia a dia, pois faziam parte do espírito de época daquele tempo.

Para completar, a cena do rapazinho que foi amarrado em uma árvore e surrado pelo patrão, com a acusação de ter roubado suas ovelhas (páginas 40 e 41), evidencia por sua vez a ausência de leis que estabelecessem regras na relação entre patrões e empregados, em um cenário que podemos chamar de pré-capitalista.

Considerando esses fatos, peça aos alunos que, em grupos, pesquisem essas formas de violência que perduram até os dias de hoje. Você pode combinar subtemas dentro desses temas e adaptar ao número de grupos formados, de modo que as pesquisas formem um painel sobre esses assuntos.

PARA O ALUNO

*LIVROS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1997.

(Série Bom Livro)

Narrativa das memórias de Brás Cubas, escritas depois de morto, condição que lhe propicia a liberdade dos vícios humanos para fazer uma revisão de sua existência e a crítica do seu entorno social e, por extensão, da sociedade brasileira do século XIX, em uma obra que, ao inaugurar o realismo na literatura brasileira, leva ao paroxismo as possibilidades da ficção.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 2016.

(Série Bom Livro)

O major Policarpo Quaresma é um patriota exacerbado que leva às últimas consequências o seu ufanismo, mas que encontra problemas ao se deparar com a realidade do Brasil do final do século XIX. Por seu fanatismo nacionalista, muitos críticos aproximam o personagem Policarpo de outro personagem da literatura, Dom Quixote, do romance homônimo de Miguel de Cervantes.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de Bolso)

Nesta obra, o escritor italiano Italo Calvino (nascido em Cuba, mas levado à Itália logo após o nascimento) comenta com aguda percepção alguns dos autores mais importantes da tradição literária do Ocidente, mesclando gosto pessoal com nomes fundamentais do cânone literário universal, como Stendhal, Balzac, Flaubert, Tolstói e Borges. Calvino ainda fornece subsídios para compreender a controversa indagação sobre por que uma obra é considerada um clássico e por que lê-la, em ensaios que começaram a ser escritos no início da década de 1980 e continuaram até sua morte, em 1985.

ESOPO. *Fábulas completas*. Trad. Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

383 fábulas traduzidas do grego de um dos maiores fabuladores da história da literatura. Desde então, o verbo *fabular* adquiriu o sentido de grande poder de inventividade e de criatividade ao contar uma história. As histórias do livro tratam, com humor moralista, das grandes virtudes humanas, mas principalmente dos grandes vícios, e, apesar de terem sido escritas na Antiguidade grega, continuam muito atuais.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Cartografia da leitura elaborada por Ana Maria Machado, premiada escritora brasileira, que nesta obra apresenta aos jovens leitores um passeio apaixonado pelos textos clássicos da literatura universal.

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

Nesta obra, o protagonista Geraldo Viramundo – ou apenas Viramundo – se envolve em várias peripécias e mal-entendidos por querer fazer o bem, mas vê que nem sempre as coisas saem como planejava. Isso acaba despertando a empatia das pessoas (e dos leitores), pois, com seu espírito sonhador e humanista, e apesar de sua boa vontade, ele não consegue se enquadrar na lógica da realidade, o que o leva a ser comparado a Dom Quixote, protagonista do romance *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes.

SUASSUNA, Ariano. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

Romance autobiográfico narrado por Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, autoproclamado Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católica-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil.

*FILMES ↘

A rosa púrpura do Cairo. (Comédia, EUA, 1985)

Direção: Woody Allen. Duração: 1h25min.

Durante a Grande Depressão nos Estados Unidos, na década de 1930, uma garçonete que sustenta o marido bêbado e desempregado encontra alento assistindo a filmes no velho cinema da cidade. Um de seus preferidos é o filme *A rosa púrpura do Cairo*, que ela já assistiu várias vezes. E foi ao assistir mais uma vez a este filme que o inusitado aconteceu: o protagonista do filme sai da tela e declara estar apaixonado por ela, em uma trama que mistura ficção e realidade dentro da própria realidade da ficção.

*CANÇÕES ↘

O vagabundo, da banda Engenheiros do Hawaii.

Releitura de uma canção dos anos 1960, a banda gaúcha Engenheiros do Hawaii trouxe para os anos 1990/2000 a letra que apresenta um eu lírico errante, sonhador, em busca de um amor idealizado e de si mesmo, no estilo libertário que predominava naquela década.

Disponível em: <<http://mod.lk/vagabund>>.

Coração de estudante/Bola de meia, bola de gude/Coração civil, de Milton Nascimento em parceria com Fernando Brant.

Três canções dos anos 1980 do cantor e compositor Milton Nascimento, lançadas no contexto da redemocratização do país, depois de duas décadas de ditadura civil-militar, que trazem a visão humanista, juvenil e até mesmo ingênua, fazendo a apologia da justiça, da ética, da cidadania, do patriotismo, das utopias, do amor e da valorização das relações humanas.

Disponíveis em: <<http://mod.lk/estudant>>, <<http://mod.lk/bolademe>> e <<http://mod.lk/civil>>.

Balada do louco, da banda Os Mutantes.

Canção do final dos anos 1960 da banda Os Mutantes que fala de desapego ao mundo material e consumista e valorização das essências e transcendências humanas, ao mesmo tempo que questiona a racionalidade do mundo, no contexto do movimento da Contracultura que predominou entre os anos 1960 e 1970 no mundo.

Disponível em: <<http://mod.lk/balada>>.

Dom Quixote, da banda Os Mutantes.

Coerente com a visão libertária e quixotesca dos integrantes da banda – entre eles a jovem Rita Lee –, que se evidenciava inclusive nos arranjos de suas canções, rompendo com a linearidade dos acordes tradicionais, nesta canção a banda Os Mutantes faz uma espécie de homenagem ao personagem Dom Quixote e, por extensão, a todos os sonhadores do mundo.

Disponível em: <<http://mod.lk/mutantes>>.

Maluco beleza, de Raul Seixas.

Música do final dos anos 1970 do cantor e compositor Raul Seixas que prega uma espécie de anarquismo voluntário, reverberando o espírito libertário dos anos 1960 que ainda ecoava na década seguinte. Por essa canção, Raul Seixas, que em seus versos dizia coisas como “faz o que tu queres, pois é tudo da lei”, é chamado até hoje de “Maluco Beleza”.

Disponível em: <<http://mod.lk/maluco>>.

*ARTIGOS/ CRÔNICAS ↘

SANTOS, José Ernesto dos. Quixote é muito mais: uma ode à ficção da vida. *A CidadeOn*, Ribeirão Preto, 19 jan. 2019.

Crônica em que José Ernesto dos Santos, professor sênior da Faculdade de Medicina da USP, fala de suas impressões diante da leitura de *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes.

Disponível em: <<http://mod.lk/ernesto>>.

BERNARDO, Gustavo. Por que lutar contra moinhos de vento? *Revista Eletrônica do Vestibular UERJ*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 32, 2019.

Nesta crônica, o autor comenta o episódio dos moinhos de vento, do romance *Dom Quixote de La Mancha*, e seus significados simbólicos.

Disponível em: <<http://mod.lk/moinhos>>.

*PEÇAS TEATRAIS ↘

SUASSUNA, Ariano. *As conchambranças de Quaderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Peça teatral de 1987 na qual o protagonista Dom Pedro Dinis Quaderna (protagonista de *A pedra do reino*) narra três imbrólios de que tomou parte e nos quais teve de fazer uma série de conchavos para resolver as situações.

*LIVROS

PARA O PROFESSOR

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Neste livro, Harold Bloom, um dos principais críticos literários da atualidade, convida o leitor a uma saborosa viagem por grandes obras da literatura universal, como *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, *Crime e castigo*, de Dostoiévski, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Hamlet*, de Shakespeare, entre muitas outras.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna – Europa, 1500-1800*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Companhia de Bolso)

Obra bastante atual do historiador inglês Peter Burke sobre os primeiros anos da Europa moderna, mostrando os valores e atitudes de artesãos e camponeses, muitos dos quais foram representados no romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Seis conferências de Umberto Eco ministradas na Universidade de Harvard, em 1993, sobre o texto de ficção, leitura, leitores e literatura.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Oficina Editorial do Instituto de Letras UNB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade, que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa – Uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. 3. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Obra de grande utilidade para quem estuda literatura, apresenta as teses dos formalistas russos e do estruturalismo linguístico, fornece ao leitor ferramentas para descobrir as estruturas subjacentes nas narrativas, trazendo reflexões da ótica da linguística contemporânea.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Professor de crítica literária na Universidade de Harvard e conhecido por seus brilhantes ensaios na revista *The New Yorker*, nesta obra, o inglês James Wood (radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos) esmiúça os meandros da ficção e questiona os limites entre artifício e verossimilhança, entre outros elementos fundamentais do texto ficcional.

*ARTIGOS ↘

SILVA, Robson André da. O jogo da ficção e da realidade em *Dom Quixote de La Mancha*. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília* (UCB). s.d.

O artigo apresenta uma leitura hermenêutica da estrutura lúdica, dramática e irônica de composição do romance moderno *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes.

Disponível em: <<http://mod.lk/ojogoda>>.

*ENTREVISTAS ↘

ARGOLO, André. Enquanto o tempo sou eu. *Rascunho*, edição 212, dez. 2017.

Entrevista com o crítico literário inglês James Wood, radicado desde os anos 1990 nos Estados Unidos, autor de *Como funciona a ficção* e de *A coisa mais próxima da vida*, professor na Universidade de Harvard e ensaísta da revista *The New Yorker*, na qual ele mostra sua definição de engajamento na literatura e salienta seu comprometimento com o presente ("somos este tempo aqui, não outro"), em respostas carregadas de citações eruditas e literárias, que transformam a entrevista em uma aula magna sobre literatura, escritores e os elementos da ficção.

Disponível em: <<http://mod.lk/andrear>>.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s.d. (Série Debates: Literatura)

Ensaio de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, importantes nomes na formação de sucessivas gerações de estudantes de Letras e de Artes. A obra traz atualidade nas análises e na discussão crítica das modernas leituras estéticas, que tocam campos do saber como a linguística e a filosofia, entre outros.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor

Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

WOOD, James. *A coisa mais próxima da vida*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Os textos desta obra de James Wood, professor da Universidade de Harvard e ensaísta na revista *The New Yorker*, buscam identificar e comentar as relações entre literatura e realidade, discorrendo sobre temas como religião, morte, exílio, detalhe, mostrando de que modo a literatura percorre todos esses âmbitos da experiência humana.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 23 out. 2020).